PORTO



Egrejas de Nossa Senhora do Carmo

A ordem dos religiosos carmelitas descalços entrou na cidade do Porto no anno de 1617. Governava a cidade, em nome de Filippe III de Castella, Diogo Lopes de Sousa, que ao diante foi 2.º conde de Miranda, e occupava a cadeira episcopal o bispo D. Fr. Gonçalo de Moraes.

Obtiveram os frades facilmente do governador e da camara protecção e licença para fundarem um convento, mas não foram tão bem succedidos com o bispo, que lhes negou a permissão pedida, e por algum tempo fechou os ouvidos a solicitações. Porém, como os religiosos já tinham adquirido bons protectores, o bispo veiu a ceder, e elles estabeleceram-se provisoriamente em umas casas que lhes destinou o governador na rua de S. Miguel. Por meio de esmolas edificaram uma pequena egreja, e accommodaram o resto do edificio, tanto quanto foi possivel, ás necessidades e usos da clausura.

Passado tempo, queixando-se de que o tumulto da cidade os embaraçava nas suas praticas religiosas, começaram a diligenciar a fundação de um convento em sitio appropriado. Não perderam as diligencias. A protecção que encontraram na sua entrada continuou a ajudal-os de modo que lhes obteve tudo quanto desejaram — as licenças precisas, os meios, por esmolas, para as obras, e o terreno para a construcção, largo, desaffrontado, em sitio socegado e solitario.

Quiz o governador, Diogo Lopes de Sousa, que o convento se erigisse no sitio das Virtudes, onde agora vemos o passeio do mesmo nome. Entrava n'este projecto a construcção de uma grande ponte, que devia ser lançada sobre o profundo valle que ahi se abre, terminando no logar onde está ao presente o largo de Viriato e casas adjacentes. Conduziria a ponte ao terreiro em que havia de ficar a frontaria e entrada principal da egreja do convento.

Todavia, não obstante o empenho que o governador tinha de que este projecto fosse por diante, ainda mais para aformoseamento da cidade e commodidade dos habitantes, do que para grandeza do convento, foi forçoso mudar de resolução, pois que o governo de Lisboa não approvou a obra por excessivamente dispendiosa.

Escolheu-se, pois, para a referida fundação o *campo do Olival*, que então ficava fóra dos muros, e para o qual dava saída a porta da cidade chamada do *Olival*. Finalmente, no dia 5 de maio de 1619 lançou a primeira pedra nos alicerces da capella-mór da egreja, com grande apparato e solemnidade, o bispo D. Rodrigo da Cunha, pouco antes decorado com a mitra

portuense, e mais tarde elevado á cadeira archiepiscopal de Lisboa.

Acudiram logo muitas esmolas para auxilio das obras. A camara deu dois mil cruzados (800$000), somma avultada em relação áquelles tempos, e prometteu dar mais quinhentos cruzados em cada um dos cinco annos seguintes, se el-rei lhe concedesse o imposto sobre o vinho com applicação ás obras publicas, como os soberanos seus antecessores tinham concedido para o mesmo fim.

Estando habitavel uma parte do convento em 1622, trataram os frades de se mudarem para elle; e, como a egreja ainda estivesse muito atrazada, fizeram da sacristia, que já era acabada, templo provisorio. A mudança da communidade, do Santissimo Sacramento, de Nossa Senhora do Carmo, e mais santos do convento velho da rua de S. Miguel para o novo do campo do Olival, foi uma das mais esplendidas funcções religiosas que se tem feito na cidade do Porto. Celebrou-se esta solemnidade no dia 3 de junho de 1622. O governador, já feito conde de Miranda, com todas as auctoridades, os desembargadores da relação, a camara, e crescido numero de ecclesiasticos e seculares, acompanhavam a procissão, que era precedida e seguida de musicas e danças populares.

Acabou-se a egreja em junho de 1628; porém pelos annos seguintes, até ao meiado do seculo, foram-se-lhe fazendo melhoramentos em pinturas, doiraduras, e mesmo em novos retabulos de talha relevada.

O convento teve egualmente consideraveis augmentos em todo esse periodo, em que se lhe construiram os dormitorios do lado do sul, e se lhe reedificaram com mais solidez, ou se fizeram de novo varias officinas.

Com o correr do tempo transformou-se o sitio, e tambem mudou de nome. Desappareceu a *porta do Olival* e o lanço de muros correspondente. O campo, que era ermo, encheu-se de edificações, com que se formaram ruas e praças. Estas ultimas são actualmente as *praças da Cordoaria, dos Voluntarios da Rainha, de Carlos Alberto, e o largo do Carmo* para onde deita a fachada da egreja dos carmelitas.

Pela extincção das ordens religiosas, veiu a servir de quartel á guarda municipal do Porto o lado do convento que olha para o sul, e está contiguo á frontaria do templo. O lado do norte foi dado á ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, para accrescentar com elle o seu hospital. A egreja conservou-se, felizmente, para o culto, que é n'ella exercido com regularidade e decencia.

Exteriormente é o templo singelo em sua architectura, porém no interior está ornado com riqueza, pois que não só as capellas, mas tambem as paredes e abobada, são guarnecidas de obra de talha doirada de bastante primor.

A par da egreja de Nossa Senhora do Carmo fundou a confraria dos terceiros da mesma ordem carmelitana um bello templo, ao qual deu começo no anno de 1756. O frontispicio é todo de pedra lavrada com muita variedade de esculpturas, e adornado de estatuas. Por conseguinte é rico, mas está sobrecarregado de decorações, e algumas d'estas, como as quatro estatuas e a cruz que o corôam, são faltas de boas proporções. Além d'isso, como trabalho artistico são pouco perfeitas, mesmo dando o desconto devido ao granito, que se não presta, como o marmore, a obras que exigem delicadeza.

O interior da egreja é, como a que foi dos frades, profusamente ornado de talha doirada nas capellas, nas paredes e no tecto. Tudo alli se acha disposto com o maior aceio, e as suas festividades fazem-se com magnificencia. Tem lausperenne todos os domingos do anno.

Contiguo á capella-mór d'este templo levanta-se o grandioso hospital da mesma ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo. É um edificio de vastas proporções, de boa e regular architectura, composto de dois corpos, construidos em differentes epochas, e cada um com tres andares, sendo o ultimo decorado no centro com um frontão. Une os dois corpos um portão de ferro que dá entrada para o cemiterio da confraria. Este ponto de união fórma um angulo. O edificio que se estende d'ahi para o norte foi acabado em 1801. Limitava-se a elle o estabelecimento de caridade até á extincção dos conventos em 1834, mas ainda assim merecia por sua vastidão o epitheto de grandioso. O edificio que vem correndo para o sul até confinar com a capella-mór da egreja é fundação moderna, e concluiu-se haverá tres annos. Occupa o logar da parte do convento que os frades acabaram mais promptamente, e primeiro habitaram, a qual foi dada aos terceiros para ampliarem o seu hospital. A nossa gravura mostra em escorço este corpo do edificio.

Deitam as duas fachadas do hospital para a *praça de Carlos Alberto* [1], antigamente *campo dos Ferradores*, e para uma espaçosissima rua, quasi praça, chamada *Feira das Caixas*, que termina no *largo do Carmo*, que lhe fica á direita, e na *praça dos Voluntarios da Rainha*, que se dilata para a esquerda.

Acha-se este hospital organisado e servido de modo que faz honra egualmente á confraria que o instituiu e sustenta, á cidade em que está erigido, e ao paiz que o conta entre os seus principaes estabelecimentos pios.

O movimento dos enfermos regula annualmente, termo médio, por 300, além de vinte entrevados e incuraveis, que ahi tem permanentemente excellentes quartos, optimo tratamento em todo o sentido, e até certo agasalho e commodidades que só no seio das familias se costumam encontrar. Para ser tratado n'este hospital é mister ser irmão terceiro.

A confraria, intitulada *Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo*, foi instituida no anno de 1736. Tem sido inscriptos nos seus livros até á actualidade 16:518 irmãos. D'estes são fallecidos 10:553; por conseguinte, conta presentemente 5:965.

A administração do hospital e a direcção dos negocios da ordem estão a cargo da mesa, composta de treze membros eleitos pela confraria, e que tem os titulos seguintes: prior, sub-prior, secretario, thesoureiro, procurador geral, vigario e definidores. Estes ultimos são sete.

Os fundos da ordem são provenientes de legados, de joias pagas pelos irmãos na sua entrada para a confraria, e de esmolas que continuamente estão acudindo ao cofre de tão caridoso estabelecimento.

A gravura que juntâmos é copia de uma bella photographia pertencente á collecção do sr. Seabra.

I. DE VILHENA BARBOSA.

HISTORIA DE UMA VENDEDEIRA

I

N'uma noite de inverno, Guilherme Benton, um dos mancebos mais opulentos de Nova-York, saía de um dos botequins que estão a brilhar dos lados de *Broad-Way*. Guilherme resolvêra, felizmente, recolher a pé, posto que o frio estivesse muito agudo, e começasse a cair neve. Necessitava dissipar ao ar livre os fumos de uma ceia lauta, e as commoções de uma avultada perda ao jogo. N'essa noite sentiu uma especie de remorso. Mero presentimento, como é de crer.

Dissemos que Benton resolvêra, felizmente, recolher a pé. Na realidade, o costume que tem a gente

[1] Vid. pag. 393 do vol. IV.

rica de andar sempre de carruagem, faz com que ignore muitas miserias que lhe escapam no breve relance de olhos que póde deitar para a rua, durante o veloz girar das rodas, cujo estrondo não lhes deixa ouvir muitos gritos de desespero e muitos soluços.

Quem anda a pé, quem passa devagar pela rua, está mais apto para colher em flagrante as magoas e as dores gemidas pelos cantos das praças. Os ricos nem fazem idéa sequer das boas occasiões que perdem de fazer bem; porque, se não, muitos haveria que de bom grado deixassem os cavallos e os trens em descanço muitas vezes mais.

Guilherme Benton não pensára nunca em similhante coisa. Filho de um dos negociantes mais opulentos de Nova-York, fôra criado no regaço do luxo e dos prazeres, e como encontrára sempre a sua carruagem esperando-o á porta das casas onde ia, entrava, e era transportado muitas vezes sem reparar no que se passava pelo caminho.

Entretanto, por mais indifferente que fosse, ou que parecesse ser, ás muitas miserias que atulham Nova-York, podia-se considerar como um d'aquelles ricos de que fallámos ha pouco (e o numero d'estes não é pequeno, felizmente, em todos os paizes), que consideram como o primeiro privilegio da fortuna alliviar os pobres. Adquirira estes sentimentos com sua familia, para a qual a beneficencia era sempre a ordem do dia. Em toda a accepção da palavra, podia chamar-se um excellente rapaz, mesmo com a vida de gastador que levava; era generoso, sensivel, rico de sentimentos nobres e de impulsos sympathicos. Quem o conhecia estimava-o; e aos dezenove annos, em que dêmos conhecimento d'elle a nossos leitores, começando tambem esta narração, tinha mais amigos do que muitos outros conseguem adquirir ao cabo de longos annos de vida.

As ruas de Nova-York estavam desertas áquella hora em que Benton recolhia, com a golla do capote levantada, e os braços agasalhados com as pregas d'este largo trajo. Tendo chegado perto do banco de Nova-York, no bairro de *Wall-Stret*, onde enche e vasa todos os dias uma grande maré de dinheiro, e onde se trata de milhões em negocios de toda a especie, ouviu elle uma voz gritando:

— Papas de milho quentes! O grito tinha um som lugubre, lamuriante; os labios que o soltavam parecia que mal podiam proferil-o. Dir-se-hia que estavam gelados de frio e exhaustos de fome.

Posto que estivesse costumado a ouvir todas as tardes, e ás vezes mesmo muito pela noite adiante, estes gritos n'aquellas ruas de Nova-York em que ha affluencia de transitantes, teve Guilherme uma tal impressão, percebendo a angustia, o desespero, a extenuação da voz que soltava aquelle triste pregão, que se approximou com muita presteza ao sitio d'onde partíra o grito. Viu sentada, ou para melhor dizer, acocorada no primeiro degrau das escadarias da Bolsa, rente com o chão, uma pobre rapariguinha, que devia ter os seus doze annos. Um chale ordinario de lã, muito esfarrapado, não chegava a envolvel-a toda, ainda mesmo na posição que tomára. Ora cobria a cabeça, e então ficavam-lhe pés e pernas nuas expostos ao vento glacial da noite; ora puxava aquelle trapo para cima dos membros inferiores, e então era a cabeça que ficava descoberta. Os cabellos que lhe choviam em madeixas bastas e emmaranhadas pelas costas descarnadas e lividas, iam alvejando com a neve que estava caindo. Não fôra porventura um pungente epigramma da sorte, que levára aquella pobre trapilha a refugiar-se e a adormecer nos degraus do templo da riqueza? A infeliz criança acordára machinalmente com o ruido dos passos de Benton, e soltára instinctivamente e como por costume o pregão — papas de milho quentes! Quando Guilherme se approximou mais, ella ainda sem forças para revolver os membrositos tropegos de frio, proseguiu em tom de lamuria, e puxando o chale para a cabeça.

— Papas de milho quentes, meu senhor, compre-me papas de milho, estão muito quentes!

A venda d'estas papas é uma industria nocturna, que as crianças pobres e os bohemios da cidade imperial exercem em Nova-York. É um modo disfarçado de pedir esmola, e nada mais. Estes vendilhões de papas de milho são como entre nós os rapazes que vendem caixas de fosforos, que principiam offerecendo a sua mercadoria, e rematam pedindo alguma coisa por amor de Deus.

Benton examinou attentamente a pobre vendedeirinha, que tambem fitou n'elle dois olhos azues, rasgados, de olhar pasmado e terno, que profundas olheiras engastavam n'uma physionomia abatida.

— Compre, ande, meu senhor, peço-lh'o por amor de Deus!

Diogenes, de cynica memoria, calumniou a humanidade quando respondeu a quem o encontrára de mão estendida para uma estatua: «Estou-me costumando a receber escusas». Guilherme procurou na algibeira e tirou um dollar de oiro, que deu á pequena. Esta levantou-se, como se fosse movida por machina, e examinando o dinheiro disse-lhe:

— Não tenho troco, meu senhor, hoje não vendi nada ainda.

— Quanto vale esse caldeirão de papas?

— Uns quinze centimos, respondeu a rapariguinha.

— Então ficâmos com as contas saldadas, o caldeirão não póde valer muito.

E, agarrando-o Benton, deitou na rua as papas de milho, que apesar de serem apregoadas por quentes, estavam frias de neve.

— Que faz, senhor, que faz! — exclamou a criança lavada em lagrimas.

— Quero livrar-te de continuares com este officio.

— Mas então de que hei de eu viver? Não me dão mais do que uma batata cozida pela manhã, mas hei de ter levado pelo menos doze centimos para casa á noite, senão...

— Senão o que?

— Dão-me pancadas e não me dão de comer no dia seguinte! Foi o que me aconteceu ainda hoje, que não comia nada todo o dia se não fosse um operario de bom coração, que vendo-me apanhar um bocado de batata que estava no meio da rua, chamou-me para me dar uma batata inteira, e um centimo para comprar pão.

— E acabei eu de perder mil dollars ao jogo! — disse entre si Benton. Os meus companheiros talvez perdessem mais de vinte mil... E levantando a voz:

— Quem negoceia assim com a tua mocidade?

— A minha prima Hartman.

— E com que direito dispõe tua prima assim da tua vida? Vem cá, pobre pequena, vem agasalhar-te com o meu capote, que d'aqui até casa me irás contando a tua historia. Moras muito longe d'aqui?

— Nos *Cinco Pontos*, meu senhor.

Os *Cinco Pontos* constituem, n'uma das extremidades da Nova-York, um bairro especial, uma especie de Bohemia, onde chafurdam os vicios e a miseria d'aquella grande cidade. A vendedeirasinha conchegou-se com Benton debaixo do capote, apertando com toda a força, na mão, a moeda de oiro com que tão generosamente lhe pagára o seu genero. Os membrositos entorpecidos cobraram alguma energia com o calor do capote, posto que os pés se lhe enterrassem pela neve até aos artelhos.

— Como te chamas, perguntou-lhe Guilherme?

— Dolly Geerts. Meu pae e minha mãe vieram da Allemanha para esta terra, mas não poderam fazer fortuna como desejavam. Nasci aqui, e o meu nasci-

mento, em vez de causar alegria a meus paes, veiu augmentar-lhes a miseria e as consumições. Morreram de pesar e de desespero; minha mãe quasi em seguida a meu pai; caí nas mãos de minha prima Hartman, que tendo sido amiga de minha mãe, lhe promettêra no leito da morte educar-me e pôr-me em estado de ganhar honradamente a minha vida a trabalhar. Mas a minha boa prima não contou com seu marido, um homem mau que a desgraçou. Minha prima está reduzida hoje a apanhar trapos pela rua, e mora, como já disse, no bairro dos *Cinco Pontos*. Tão boa e tão affectuosa era, como má e zangada está hoje desde que é desgraçada. Em vão lhe tenho pedido muita vez que me deixe ir aprender a trabalhar; mas não consentiu nunca, dizendo-me que eu ganhava mais dinheiro a vender papas de milho á noite; e por conseguinte exige que lhe traga dois centimos para casa todos os dias, senão bate-me, e não me dá de comer... Ah! se minha pobre mãe vivesse, exclamou a pequenita soluçando, não era eu tão desgraçada, e talvez já soubesse trabalhar.

— Tens muita vontade, e muito empenho em aprender a trabalhar?

— Tenho, sim, senhor, oh! se tenho; estou persuadida de que as pessoas que trabalham devem ser muito felizes, em quanto eu... De certo, meu senhor, de certo, era bem feliz se soubesse trabalhar, mas...

— Se tivesses bastante vontade, Dolly, proporcionava-te eu essa felicidade.

— O senhor! — exclamou a pobre rapariga parando de repente, e erguendo para o seu companheiro uns formosissimos olhos, em que brilhava a expressão do reconhecimento e da alegria. Mas, proseguiu com a tristeza que acompanha sempre o esmorecer dos sonhos de felicidade, minha prima não me deixa.

— Ha de deixar, disse Benton, fica isso por minha conta, socegue. Mas ha de fazer-o que eu lhe disser, ha de seguir todos os meus conselhos.

— Todas as suas ordens, atalhou Dolly ingenuamente.

— Está bom, minha filha.

— Chegámos á porta de casa — disse a rapariga parando diante de uma especie de pocilga.

— Eu acompanho-a, preciso fallar a sua prima.

— Vae caír pela escada, é preciso estar muito costumado para a subir sem escorregar. E d'ahi, provavelmente, ia encontrar minha prima a dormir ou embriagada.

— Embriagada?

— E é por estar assim que me atormenta tanto. Estou persuadida que se estivesse sempre em seu juizo não me martyrisaria tanto.

— Então ámanhã de manhã cá voltarei.

— Obrigada, meu senhor, muito obrigada por tantos beneficios.

A pobre criança desembrulhou-se do capote de Benton, cortejou o seu protector e sumiu-se por um corredor escuro e sujo, ao cabo do qual encontrou uma especie de escada, por onde engatinhou, até uma hedionda agua-furtada, ou para melhor dizer, uma especie de gaiola com algumas taboas de sobrado, e com um tecto esboracado em mais de um ponto.

N'esta immundicia viviam misturados uns vinte individuos, amostra de tudo que ha em Nova-York de miseravel e mais vil; gente de todas as profissões, maus musicos ambulantes, homens que andam com animaes a fazer habilidades, cantores de taberna, larapios, etc. Além do logar destinado para a sua enxerga, n'aquella especie de armazem tinha a prima Hartman o usofructo de um cantinho onde juntava os trapos que apanhava pela rua. Era este monte de porcaria que servia de cama á pobre Dolly, tendo muitas vezes, ainda assim, de a repartir com dois macacos, habitantes d'aquella especie de arca de Noé, e com os quaes ella travára certa familiaridade. Dolly procurou a sua cama ás apalpadellas, e atirou comsigo para cima a toda a pressa, tendo sempre muito guardado na algibeira do jaleco o dollar que lhe dera Benton. A pobre rapariga desejava principalmente poder adormecer, formando sonhos encantadores sobre a sua fortuna, tão facilmente ganha, e sobre a perspectiva que se lhe antolhava; mas por entre os primeiros estonteamentos do somno, e quando ia caír n'aquella embriaguez do esquecimento, em que os mais desgraçados e os mais afflictos encontram ás vezes a felicidade, houve uma idéa que lhe fez vivissima impressão. Espalhando o somno com toda a pressa, sentou-se na farrapagem com os olhos muito abertos. Acudíra-lhe ao pensamento, que se entregasse a sua prima o dollar que recebêra do seu generoso protector, ella guardava-o para si, e nos seguintes dias não desculpava as faltas que podesse haver nas receitas nocturnas. Por conseguinte não ganhava nada com o beneficio de Benton, cuja intenção não fôra de certo dar um dollar á prima Hartman, principalmente sabendo qual era a applicação que ia ter. O sujeito que ella encontrára tinha-lhe promettido um futuro cheio de seguranças, e que devia começar já no dia seguinte; mas quem lhe assegurava não ter sido uma promessa no ar, que esquecesse de noite, sem deixar o menor vislumbre sequer na imaginação do mancebo? Esta reflexão da parte de Dolly dava bem a conhecer os instinctos previdentes que mencionámos em seu abono.

Na alternativa em que se achava, adoptou uma resolução que dá bem a conhecer tanto a sua coragem como o seu embrutecimento moral.

— Não dou o dollar a minha prima, disse comsigo, digo-lhe que não vendi papas nenhumas, que as perdi, que uma carruagem me entornou o caldeirão. Bate-me, porém ao menos sempre hei de ter ámanhã de almoçar, e dinheiro para trazer a conta certa para casa uns poucos de dias, se a venda não chegar.

Era, como se vê, baseada esta mentira n'uma previsão que lhe devia poupar muitas lagrimas e muitos soffrimentos futuros.

Mas parece que o ceo quiz castigar a rapariguinha por esta mentira, e pela falta de confiança na generosidade de Benton. Quando acordou, o que succedeu no meio de uma especie de batalha entre quatro ou cinco macacos, e no meio de uma tempestade de gritos, de pragas, de guinchos e de urros de toda a especie, Dolly levou a mão á algibeira para tirar o seu dollar e já não o achou! Olhou em redor de si com o sobresalto que é facil de imaginar. Nada! E durante este tempo, os macacos correndo pela comprida agua-furtada, continuavam a bater uns nos outros, a perseguirem-se e a gritar. Os hospedes d'aquelle triste enxurdeiro rogavam pragas e batiam nos macacos, que fugiam aos donos empenhados em agarral-os. Dolly com os olhos arrasados de lagrimas, com o coração oppresso, revolvia o monte de trapos onde dormíra.

Foi tudo um sonho! — disse a pobre criança deixando caír com desespero a cabeça nas mãos. Mas não, não foi, disse de repente, não foi sonho; tenho a certeza de que houve um individuo bem trajado que me acompanhou até á porta d'esta casa, que me deu um dollar, e que me entornou o caldeirão das papas no meio da rua. Oh! meu Deus, meu Deus!

O choro abafado da desventurada transformou-se em gritos lamuriantes, quando sua prima veiu reconhecer, não só o deficit da receita, mas ainda em cima a perda do caldeirão e das papas, o que a obrigava a novas despezas para essa noite. Dolly caíu extenuada com pancadas, com os cabellos arrancados ás mãos cheias, com o corpo e as faces inchadas de murros e bofetadas. Debalde entre gritos e lagrimas procurou confessar a verdade a sua prima. Esta, na

febre da raiva, não ouvia coisa alguma, e que ouvisse, não era provavel désse muito credito á historia da pequena.

Mas no momento mesmo em que ella soluçava a sua confissão, que a prima não ouvia, um dos habitantes d'aquelle covil, tendo já agarrado o seu macaco, ao qual applicára uma correcção similhante á que Dolly recebêra, saía precipitadamente e descia a escada a correr.

Eis em poucas palavras o que succedêra. Dolly dormia, o dollar caíra por um boraco do forro da algibeira esfarrapada da rapariga, e rolára para o chão onde entrou a luzir, como uma estrella, com o reflexo dos primeiros clarões da madrugada. O macaco que acordou primeiro, deslumbrado com o fulgor do oiro, atirou-se ao dinheiro com a curiosidade espantadiça propria dos animaes da sua especie, e entrou a brincar com o dollar; outro macaco attrahido pelos reflexos do oiro quiz tirar o dinheiro ao seu camarada, e eis como houveram principio a batalha, os gritos, as carreiras furibundas de que fallámos ha pouco, e que só tiveram termo quando o dono de um dos animaes apanhou, n'uma das mãos que apertava convulsivamente o seu macaco, o dollar, que lhe pareceu um achado tão aproveitavel, que se deu pressa em saír para ir pôl-o a bom recato.

(Continua)

CASA DE CAMPO DOS MARQUEZES DE POMBAL EM QUELUZ

Destruido em grande parte o paço velho da Ajuda pelo incendio de 1795, foi-se estabelecer a rainha D. Maria I e sua familia no palacio real de Queluz. Por doze annos permaneceu a corte n'esta residencia, até que a invasão franceza de 1807 a constrangeu a deixar o reino e demandar asylo no Brasil.

Foi durante esse periodo que o 2.º marquez de Pombal, Henrique José de Carvalho e Mello, edificou a casa de campo, de que é cópia a nossa gravura. As obrigações do seu cargo na corte, como gentil-homem da camara da rainha, resolveram-n'o a mandar construir nas proximidades do paço real, não uma residencia de familia, mas unicamente uma casa que lhe servisse de hospicio quando entrava de semana no exercicio de camarista, e na qual podesse passar essas temporadas em companhia de sua esposa.



Casa de campo dos marquezes de Pombal em Queluz

Quando a corte se ausentou, ainda a dita casa não estava inteiramente concluida, ou, pelo menos, faltava-lhe o ultimo remate em muitos accessorios. Depois assim ficou, e o abandono tem-lhe feito sentir cruelmente as injurias do tempo, não nas paredes, que são construidas de excellente cantaria, mas sim nas portas e janellas, e em tudo o mais que é de madeira. Faz pena ver assim desprezada esta habitação, que, apesar de pequena, por sua architectura regular e bem ornamentada, pelas bonitas salas que tem, decoradas com ricos estuques, e pelo desafogo que lhe dão as suas quatro fachadas, seria uma linda e aprazivel vivenda se estivera convenientemente reparada e guarnecida, e se os terrenos planos que a cercam fossem plantados de arvoredo e jardins.

Está situada quasi em frente do palacio real, proxima do logar de Queluz, e da alameda que conduz ao paço a quem vae de Lisboa.

I. de Vilhena Barbosa.

GABRIEL JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

(Vid. pag. 341)

V

Os germens da anarchia, agglomerados durante a administração do padre Feijó, se não rebentaram todos da venenosa semente com a sua retirada, nem por isso deixaram em parte de desabrochar, revelando com a revolução da Bahia, em 7 de novembro, que os motivos invocados eram sómente pretextos. A politica de 19 de setembro incumbiu-se de desaggravar o regente decaído. Tudo o que tinha estranhado n'elle como erro, esmerou-se em o reproduzir. Tudo o que lhe negára como abusivo, pediu-o para si, e alcançou-o em nome da suprema necessidade. Por todas as provincias, desde o Pará até ao Rio Grande do Sul, se dilataram os effeitos pouco salutares d'esta politica, sentenciada já antes de nascer pelos argumentos de que se valêra como opposição. A guerra civil recrudesceu: os francezes occuparam Oyapock; as despezas prodigalisadas assumiram proporções assustadoras; o papel-moeda inundou o mercado; o credito declinou nas praças estrangeiras.

Gabriel José Rodrigues dos Santos não hesitára na escolha do partido a que havia de offerecer a sua cooperação. Preferiu a eschola liberal, e alistou-se em suas fileiras como soldado firme e denodado. A má direcção dada aos negocios não era menos censurada em S. Paulo, do que nos outros pontos do imperio, e toda a provincia se levantava, quasi unanime, em opposição ao gabinete formado depois da quéda de Feijó. O mancebo ainda inexperiente, porém sempre leal e convencido, não podia approvar o que os mais sisudos e consummados flagellavam com a dupla condemnação, merecida pela violencia das hostilidades declaradas ao primeiro regente do Acto Addicional, e pelo

desprezo tacito, mas claro, dos principios que haviam servido de divisa aos partidos para o derrubarem. Prevendo com dor, que os defensores sinceros da verdade teriam por fim, mais cedo, ou mais tarde, a sorte de Feijó, Rodrigues dos Santos absteve-se de tomar parte activa na lucta por algum tempo, e applicado ao estudo das theses que se propunha defender como candidato a uma das cadeiras da universidade, deixava passar a onda das paixões sem a acompanhar, aguardando dias mais felizes.

O governo, porém, cortou-lhe todas as esperanças. O concurso em que fôra proposto com o seu amigo Carrão, foi annullado, abrindo-se novo prazo aos candidatos. Este golpe, que veiu interromper-lhe a carreira mais em harmonia com a sua vocação, feriu-o profundamente. Repellido do magisterio, onde suppunha, com razão, que poderia ser mais util instruindo e educando a mocidade, do que na arena politica, tantas vezes assoberbada pelo egoismo e a hypocrisia, viu-se collocado na dura extremidade de optar pela existencia agitada, e a miudo esteril, de que um presentimento vago o avisára de que fugisse. Queixoso da annullação do concurso, e decidido a não insistir em novas provas, estreou na imprensa periodica os dotes de escriptor e de publicista, e dentro em pouco os applausos dos leitores o convenceram de que não errára o trilho, e de que, seguindo-o, podia ainda exercer em diversa tribuna o sacerdocio do ensino das multidões, menos sereno e imparcial, de certo, que o da cathedra universataria, porém de uma influencia, por isso mesmo, mais activa e apaixonada.

Entretanto caminharam os acontecimentos. O regente perdêra em grande parte a força moral, pela sua facilidade em mudar os ministerios, e pela alteração das regras do governo parlamentar. A lucta civil continuava sem resultado favoravel para as armas imperiaes. A administração resentia-se do estado critico das coisas, e os partidos, apenas se abriu a sessão legislativa, medindo as forças e preparando-se, pareciam esperar sómente por um lance opportuno para se travarem, corpo a corpo, em batalha decisiva. Esse lance proporcionou-o o deputado Carneiro Leão na emenda proposta ao voto de graças, pedindo que se supprimissem as palavras allusivas á maioridade proxima do soberano. Quando os elementos estão dispostos, uma faisca sobra para atear o incendio. No dia 13 de maio appareceu no senado o projecto que declarava maior o sr. D. Pedro II, ao passo que no congresso se inflammava uma renhida discussão sobre a emenda do deputado Carneiro Leão; e no dia 18 apresentava este a sua proposta, apoiada pelos dois terços dos membros presentes, sobre a reforma do art. 121.º da constituição. Estava, pois, aberta a peleja. A luva fôra arremeçada. *Alea jacta!* Não dependia já da prudencia humana o impedir que ella seguisse o seu caminho natural. No ardor da aggressão e da defesa, na violencia progressiva das accusações, irreconciliaveis como se mostravam os partidos, e vacillantes as bases do poder, a maioridade era o iris possivel da paz, e a salvação unica offerecida á nau do estado, desarvorada, e em risco de naufragio imminente.

Os incidentes parlamentares multiplicavam-se. Dentro e fóra das camaras, a opinião sobre-excitada obedecia á logica inflexivel das necessidades geraes. Na sessão de 3 de julho o deputado Alvares Machado de Vasconcellos sustentou que a regencia era já uma illegalidade, arrastando muitos votos comsigo. Na de 10 romperam os debates sobre a conveniencia da reforma do art. 121.º da constituição, e prolongaram-se onze dias. A maioridade teria mesmo sido declarada logo na sessão de 18, se o deputado Limpo de Abreu não houvesse proposto o adiamento. As discussões de vehementes tornaram-se tempestuosas; e estava orando a 22 o deputado Barreto Pedroso, quando o secretario leu um officio em que o senador Bernardo Pereira de Vasconcellos participava estar nomeado ministro do imperio, e communicava o decreto pelo qual o regente, allegando a perturbação em que se achava a camara, adiava a assembléa geral para 20 de novembro. Apenas terminou a leitura, os clamores e o tumulto foram taes que a tribuna ficou deserta. Nenhuma voz, por mais eloquente e auctorisada, conseguiria ser escutada.

Esta scena de agitação acabou com a saída dos defensores da maioridade, que, reunidos na sala do senado com alguns dos membros d'aquelle corpo, resolveram enviar uma deputação ao imperador, expondo-lhe os perigos que ameaçavam o paiz, e supplicando-lhe que tomasse as redeas do governo. Chegada a S. Christovão, e logo admittida á presença do soberano, a deputação leu uma petição energica, e voltou a esperar em outra sala a resposta de sua magestade. N'este momento chegou ao paço o regente acompanhado do ministro da marinha, e foram introduzidos no gabinete imperial; minutos depois era chamada a deputação, e na presença do imperador ouvia da boca do regente, que as cortes tinham sido adiadas unicamente para dispor a solemnidade da acclamação de sua magestade no dia 2 de dezembro; e que, havendo o imperador decidido *que o queria ser já*, a ceremonia celebrar-se-hia no domingo. Os deputados instaram então para que se não protrahisse até domingo, por causa da perigosa agitação do povo; e o principe, accedendo, voltou-se para o regente, e disse-lhe: *convoque para amanhã*. Tão lisongeira resposta desarmou as paixões, e restituiu a tranquillidade á capital. O decreto de convocação foi expedido ás quatro horas da tarde d'esse mesmo dia, e no seguinte, 23 de julho de 1840, ás dez horas da manhã, presidindo o marquez de Paranaguá a assembléa geral, proclamou a representação nacional a maioridade do sr. D. Pedro II, no meio dos applausos das galerias e dos legisladores. Ás tres horas e meia da tarde repetiu o imperador, de joelhos, a fórmula do juramento prescripta no art. 103.º da constituição, saudado com enthusiasmo pelas vozes de jubilo e de esperança e do immenso concurso reunido para festejar o fausto successo. Finalmente, no dia 24 formou o sr. D. Pedro o seu primeiro gabinete, chamando aos seus conselhos para o ministerio do imperio a Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva; para o da justiça a Antonio Paulino Limpo de Abreu; para o da fazenda a Martim Francisco Ribeiro de Andrada; para o dos estrangeiros a Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho; para o da marinha a Antonio de Paula Hollanda Cavalcanti; e para o da guerra a Francisco de Paula Cavalcanti e Albuquerque. Uma amnistia, datada de 22 de agosto, cobriu com o véo do esquecimento todos os delictos politicos, e uma proclamação aos insurgidos do Rio Grande convidou-os á submissão em nome do amor do soberano, e dos interesses mais preciosos da patria. Infelizmente, nem a voz da clemencia, nem os deveres do patriotismo foram escutados por elles. A rebellião obstinada e cega só se curvou á força das armas.

VI

A acção benefica da maioridade, confirmada pelo prestigio dos Andradas, produziu vantajosos effeitos. Ao jubilo que inspirava o grande facto de haver o soberano assumido o exercicio do poder real, accrescia a confiança depositada por todos nas prendas do seu caracter e do seu espirito, prendas esmaltadas por uma educação que não deixára nada a desejar. O imperador, na edade juvenil e florescente em que principiava o espinhoso officio de reinar, tinha já abona-

do, em mais de uma occasião, qualidades precoces, tão solidas, que eram já em si o annuncio e a promessa da sabedoria e lealdade, que o seu governo não cessou de afiançar nos momentos mais criticos e anciosos. A provincia de S. Paulo recebeu a noticia com verdadeiro prazer. Reanimada pela certeza de melhores futuros, abriu os braços á situação, e identificou-se com ella. A nomeação do brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar para o cargo de presidente veiu logo trazer-lhe a prova insuspeita, de que o novo ministerio, escolhendo-o para seu interprete, buscava o apoio nacional, não chamando aos mais elevados empregos, senão os homens que sabiam grangear a estima e a boa vontade dos povos. Tobias de Aguiar correspondeu ao que se augurava d'elle. O seu primeiro acto foi designar a Gabriel José Rodrigues dos Santos para o logar de secretario, mostrando n'esta alliança as suas puras intenções, com os auxilios promettidos pelo viçoso engenho do mancebo, que não apontava os designios a outro alvo, que não fosse o ardente desejo de sanccionar a eleição do governo por meio do louvor devido aos esforços perseverantes da auctoridade que acceitára.

A administração dos Andradas durou pouco. Incapazes de curvarem a fronte ás imperiosas exigencias dos partidos, ou de humilharem a consciencia a transacções incompativeis com a dignidade que sempre timbraram em manter nas horas de triumpho, ou nos dias de adversidade, desceram sem saudade os degraus do poder, cedendo-o a outros, menos escrupulosos nos meios de o conservar. Tobias de Aguiar acompanhou-os na quéda como os servíra na exaltação; porém o successor, o chefe de esquadra Miguel de Sousa Mello e Alvim, não consentiu que Rodrigues dos Santos se demittisse, ponderando-lhe que os interesses da provincia exigiam que a seu lado continuasse o homem que mais podia esclarecel-o ácerca de suas necessidades; e como a virtude não carece para brilhar de fulgores emprestados, abrindo em 7 de janeiro de 1842 a assembléa provincial, escrevia no seu relatorio estas palavras, que não honram menos o seu nome que o do funccionario elogiado n'ellas: «Tudo o que tenho feito de bom, a provincia o deve ao prestimo, intelligencia e probidade do digno litterato, secretario da presidencia».

Mello e Alvim não se demorou, infelizmente, no governo. Era o continuador dos intentos applaudidos de Tobias de Aguiar, e o pensamento d'este não merecia as sympathias dos ministros. Dentro em pouco foi, pois, substituido pelo ainda barão, e depois marquez de Monte Alegre, José da Costa Carvalho, juiz de fóra e ouvidor da cidade de S. Paulo em 1821 e 1822, com residencia antiga n'ella, e elevado pela amizade e recommendação dos habitantes á jerarchia a que deveu a nomeação do gabinete. O modo por que elle se desempenhou do encargo, consummando, sem temer, a reacção, diante da qual recuára Mello e Alvim, pertence ao juizo da historia aprecial-o, e não a nós em tão fugitivo esboço.

Estava-se no mez de maio de 1842. Regia os negocios o ministerio que derrubára o dos Andradas, e tomára por arma e por divisa o systema da intolerancia politica, sempre fecundo em inquietações e discordias. A exoneração de muitos presidentes de provincia, á transferencia de muitos juizes de direito, uniu a administração de 23 de julho o plano de propor e vencer nas camaras as reformas que reputára mais aptas para supplantar em toda a parte o espirito liberal.

A provincia de S. Paulo, abrazada na febre das paixões que esta politica sempre teve a desgraça de concitar, parecia pouco disposta a submetter-se á lei dos vencidos sem resistencia. Entretanto, a sua capital, na mais apparente e silenciosa tranquillidade, não oppunha outro obstaculo aos actos governativos, senão o que podia derivar-se de um descontentamento profundo e quasi geral. De repente divulga-se uma noticia, que a incredulidade a principio repelliu como absurda, e que logo depois começou a tomar corpo e a obter credito. Espalhou-se que ordens secretas, emanadas do poder central, e enviadas recentemente ao presidente, determinavam a prisão ou o desterro dos cidadãos mais conhecidos pela sua adhesão á eschola liberal! Esta voz, especie de rebate dado a tempo aos incautos, foi seguida, com pouca demora, da execução. Raphael Tobias e outros, aproveitando avisos opportunos, homisiaram-se. Rodrigues dos Santos, que este exemplo advertíra, resolveu refugiar-se na comarca de Curitiba, aonde contava amigos fieis e dedicados.

A 10 de maio desappareceu da cidade, e acolheu-se á freguezia de Juquery, aonde residia seu tio, o capitão Domingos Manuel Barbosa Ortiz; e proseguindo na jornada, ao anoitecer do dia 17, viu-se de subito assaltado por uma escolta de revoltosos, que o levou preso á presença de Tobias de Aguiar, acclamado presidente pela camara municipal de Sorocaba. A sorte estava lançada. Ás perseguições arbitrarias respondia a insurreição. A provocação viera de quem mais devia temel-a. Rodrigues dos Santos, posto que sempre houvesse reprehendido e estorvado as conspirações dos clubs, e empregado todo o seu valimento a fim de impedir a sublevação da provincia, sem o querer, foi colhido no seu foco, e obrigado a desmentir os principios da sua crença, ou a participar da responsabilidade de um erro que tanto trabalhára por evitar.

Nomeado secretario do governo revolucionario, associou-se, pois, ao bom ou mau exito da causa que inopinadamente se via constituido na necessidade de sustentar. A sua lealdade no meio das tempestades civis, de que tanto desejára desviar-se com motivo, não padeceu a mais leve quebra. Ninguem o excedeu em zêlo e grandeza de animo. Ninguem se expoz mais, ou affrontou os perigos com maior serenidade. O seu fim era coagir o barão de Monte Alegre a recuar diante do plano que encetára, e para o realisar não se poupou a fadigas nem a diligencias. Foi elle o que mais trabalhou para inocular o pensamento da revolução nas localidades distantes, tibias ou hostis; foi elle o que, longe de soçobrar com os revezes, soube, sem desmaiar, que a sua causa succumbíra na *venda grande*, em campinas, e nas silveiras; foi elle, em fim, quem, para salvar um varão virtuoso e uma nobre familia, se atreveu a guiar pelas trevas da noite, disfarçado, o seu amigo Tobias, até o pôr a coberto do immenso risco que o ameaçava. Por muitos dias, os mais atribulados da sua vida, affirmava depois, envidou todos os poderes do engenho e da vontade para desatar, sem maiores infortunios, o ultimo acto da revolução derrotada — a dispersão dos insurgentes, dissimulando cautelosamente, para o conseguir, a ausencia do presidente. Dias assim lembram depois, quasi com satisfação, quando as recordações, entre gratas e amargas, das difficuldades superadas, e o testimunho da consciencia nos dizem que o dever se cumpriu, e que o sacrificio não foi de todo inutil. Alludindo a este episodio da sua agitada carreira, Gabriel Rodrigues não tinha, felizmente, que encobrir, nem de que se arrepender. Soldado fiel, occupou o posto designado na hora do perigo, e, vencido, pôde exclamar, á similhança do monarcha francez em Pavia: «Perdeu-se tudo menos a honra».

(Continua) REBELLO DA SILVA.

A POESIA E OS POETAS FRANCEZES EM 1863

Consolemo-nos! Nem só de Portugal foge tristemente a Musa por ver deserto o sanctuario, e desflorídos os altares! Nem só em Portugal os sacerdotes iniciados nos mysterios do sublime culto voltam as

costas á deusa da poesia, e, soltando das mãos a lyra de oiro, a deixam ir rolar aos pés dos profanos, que ousam empunhal-a com a intrepidez da mediocridade, sem que o azorrague da critica indignada expulse a plebe ignara do templo vilipendiado!

Apenas um ou outro dos grandes vultos da moderna poesia acorda de vez em quando o enthusiasmo embotado do publico! Apenas um ou dois nomes, cercados do esplendor de uma gloria subita, ou illuminados pela nascente luz de uma esperançosa sympathia, tem vindo inscrever-se na lista dos poetas da presente geração! A mediocridade orgulhosa empunha o sceptro, que a si mesma outorga, em quanto o publico se ri da soberania empavezada d'esses monarchas de farça, que se incensam a si mesmos em thuribulos fabricados em casa pela sua louca vaidade, e pela admiração de duas primas com pretenções litterarias.

Consolemo-nos! Se a esplendida pleiade poetica, que illuminou com deslumbrante fulgor o ceo da nossa litteratura, extinguindo-se a pouco e pouco, o deixou quasi em trevas, tambem no horisonte litterario francez não desponta um só astro em que se possam fitar, sem desdem, os olhos costumados ao immenso clarão da gloria dos Hugos, dos Lamartines, dos Mussets e dos Laprades.

Um artigo publicado na *Revista dos Dois Mundos*, e escripto pelo sr. Felix Frank, dá-nos a estatistica dos livros de versos publicados na França em 1862 e nos principios de 1863, e, em rapidos juizos criticos, dá-nos a medida d'esses anões que seguem com a arrogancia da pequenez, o vestigio dos passos d'esses vultos gigantes, que fazem o orgulho da França, e a admiração do universo.

Temos primeiramente um senhor marquez de Valori, publicando o *Poema da Vida*. Valia mais ao bom do fidalgo conservar pura e simplesmente a sua coroa de marquez, sem pretender trocal-a pelos laureis de poeta. O tal *Poema da Vida* é uma collecção de vulgaridades. Se o versificador é aristocrata, em compensação os versos são plebeus.

Tambem o senhor Luiz Chalmeton se lembrou de publicar um volume de comedias e poemas, a que deu o nome de *Soledades*. A avaliarmos por algumas citações que se nos deparam no artigo de M. Frank, Luiz Chalmeton pertence a essa raça, tão vulgar em Portugal, dos escriptores de prosa rimada.

Alfredo de Montvaillant, auctor dos *Sonhos Poeticos*, é um poeta ingenuo. Faz versos desde que nasceu, diz elle, e é n'isso mais prematuro do que Bocage, o qual —

Das faixas infant's despido apenas
Sentia o sacro fogo arder na mente.

O poeta francez não esperou que o desembaraçassem das faixas para dar (provavelmente á sua ama de leite), provas de engenho poetico. Das citações que vejo na *Revista*, deduzo que, se o poeta faz versos desde que nasceu, ao menos fal-os sempre da mesma maneira. Se o poeta foi crescendo, não lhe cresceu o estro, o que o não impede de dizermos ao leitor, que vá a casa d'elle cingir-lhe a fronte de loiros.

Esta mania de pedir loiros, e de appellar para a posteridade, é tambem vulgar entre nós. Qualquer Petrarca improvisado, cuja reputação vae morrer na tenda da esquina, indigna-se de que a sua Laura não acceite a immortalidade que está prompto a offertar-lhe, fiando-se no proverbio: *O que não pódes haver, dá-o por amor de Deus.*

O poeta francez envia a Lamartine e a Victor Hugo os tributos da sua admiração versificada, talvez tambem com o caridoso intuito de os immortalisar. Os dois grandes escriptores tem em França a sorte desgraçada de Garrett e de Castilho em Portugal. Todos os escrevinhadores entendem que não podem rabiscar papel sem lhes chamar cysnes, presenteando-os, em vez de lyra, com uma trompa ou com um clarinete, para que o publico os não possa accusar de plagiato.

Um poeta americano, M. Octavio Giraud, houve por bem publicar umas *Flores das Antilhas*, poesias com pretenções a terem côr local, sob pretexto de substituirem as bananeiras e coqueiros ás faias e aos carvalhos das paizagens européas. Resume-se n'essa particularidade botanica a originalidade do livro!

Como a França é accusada de não ter poemas épicos, o sr. Muston entendeu que devia tirar essa nodoa da historia do seu paiz, e escreveu uma epopéa em trinta cantos, intitulada *Valdesia*. Escriptor consciencioso, não quiz por pouco incommodar a sua musa. Trinta cantos! Sempre delicado, o épico entendeu que tão longo caminho cançaria a grammatica, e, vendo-a coxear nos primeiros cantos, dispensou-a de o acompanhar. O livro ficou tambem descançando nas estantes dos livreiros, e de lá não saiu.

Um livro intitulado *Poemas, parabolas, odes e estudos rhythmicos*, por Adriano Van Hasselt, desdiz um pouco d'estas semsaborias. O poeta revela algum talento, e, se não fossem as suas pretenções metaphysicas, a sua linguagem inintelligivel, e o seu estilo torcido e artificial, havia de produzir alguma impressão.

Como este poeta temos nós agora alguns escriptores, cujo verdadeiro talento é obscurecido por um incrivel mau gosto, e por um estilo affectadissimo, que os torna intoleraveis.

As *Lendas doiradas*, do sr. Carlos Fournel, são lendas populares, rimadas em versos incorrectissimos, sob pretexto de serem singelos.

Mad. Penquer, auctora dos *Cantos do lar*, é uma especie de *Musa de Alemquer*, d'esse typo tão graciosamente descripto por Julio Machado nas paginas d'este jornal. Animada por duas palavras lisongeiras de Lamartine, julgou-se predestinada a obter o emprego de decima musa, vago pela morte de mad. de Girardin. Os leitores foram victimas de uma delicada phrase de Lamartine, tomada ao pé da letra pela ingenua escriptora.

Um livrinho de sessenta paginas, intitulado o *Romance dos vinte annos*, pelo sr. Francisco Pittié, annuncia um poeta sympathico entre estes versejadores banaes. Algumas poesias, transcriptas por M. Frank, revelam, se não um poeta de grande alcance, pelo menos um talento delicado e mimoso.

Tal é o desanimador aspecto da actual poesia franceza. Pallidos versejadores, e nem um só poeta! Lamartine e Victor Hugo não fundaram dynastia. Aquella terra generosa da França, cançada de produzir talentos, parece necessitar agora de repouso. Esperâmos que a esterilidade não será duradoira. A arvore da poesia, gelada por um inverno passageiro, ha de ter de novo a sua virente primavera, e no tronco despojado hão de brotar outra vez as flores da esperança, que se transformarão depressa em magnificos fructos litterarios.

M. Pinheiro Chagas.

A verdade é uma disposição de animo para affirmar o que é, e negar o que não é, sem mudar nas palavras os pensamentos.

Conde da Ericeira.

Não louvâmos muito a homens que dão razão de toda a historia grega e romana, e se lhes perguntardes pelo rei passado do reino em que vivem, não lhe sabem o nome!

João de Barros.